

DOCUMENTOS ILEGÍVEIS

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 658

Título: "UM GATO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): PELIQUITO, MANUEL

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 1972

Data de Emissão:

Nº. de Episódios:

ACTORES	PERSONAGENS
	HOME - MEIAIDADE
	HOME - CINQUENTA ANOS
	SENHORIL

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Kopier

(V.S.F.F.)



Notas:

- NÃO ~~EXISTE~~ REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

Control cliquato

Un lato

altro

Modelo clássico

Modelo
1. Modelo

Modelo

Modelo = Modelo clássico, 1. Modelo clássico com
modelo

" = (modelo clássico, 1. Modelo

" = Modelo clássico, com modelo

O Gato

Frontaria de casa vulgar de rés-de-cão ou de arto com porta alpendrada correndo cerca de metade do fumo, marginal a caminho tal cuicado; continuação do cam. cam. no lado esquerdo; arto livre de alameda contíguo ao quic. da casa e de cam. no lado direito. Ambiente de tarde de chuva. Início de água caído de suposta folhagem de árvore da margem do cam. (ritalita) em chão molhado com poças.

Assurro estáil do trovão em coincidência com oiscurcimento gradativo da sala e o abrir do pano da ritualta. Bismalido reflexo vago de relampago, correr do pano de casa em um alancando do final de novo sussurro de trovão menos audível do que o anterior. Desaparecimento progressivo dos raios de água e crescimento de desmanejamento atmosférico inverco típico do culinar em la incidade.

Primeiro personagem (Precedente da alameda sobre o quic. da casa a passo de cismático com declinação para o lado esquerdo. Além do meio casa, detém-se; relanceia, assim vago, à rectangular; atenta em algo; curioso, retrocede dois passos e a. remaneja de boca ou parte do regueira junto da ritualta. Recen. como cadáver de gato arrodilhado pelas chavadas, observa-o de pé, por instantes, de modo ambíguo, reflexo de misto de surpresa, pena e frivolidade. Reflexo. Propõe-se ressoar, locata.

Manifestações cuvidoras de introspecção intersecção do relance do cadáver de gato. Recen. se junto do cadáver de gato; como transparecer evolução de aspecto de observação do caso em co. écie de sensação, tem ente a revestir-se de .rolística mental objectivada no pressuposto de razão de ser dele (actua) em relação a razão de ser de gato com implicações do lado de estar

gato tendo ele vontade?... (Reflexão.) - O gato, um gato revola
 ser em tudo semelhante a mim, pois. (Lança.) - Animação nenhuma
 lhe contestará, creio! Se tem origem, vigência e fim ou destino
 não diferenciável da minha origem, vigência e do meu destino, se-
 rá razoável esta situação de cadáver de gato...? (Rumor tal percep-
 tível, em crescendo, de tambores e caixas de rufo.) - Comeu, dormiu,
 brincou... Sofreu, amou, teve raivas... (Lança.) - Detenho de certo
 grau de discernimento também, sem dúvida... Por que, então, este
 cadáver de gato aqui, assim... desprezado...? (Desloca-se uma pas-
 sos na direcção da alameda e, face à direita, alude a cortejo fú-
 nebre, de que o rumor de tambores e caixas de rufo é início) - O
 aquiloteiro cadáver, cadáver de homem, tão pomposo de honras! ...
 (Se complemento aos tambores e caixas de rufo, toque de trombetas
 assurdinado pela distancia.)

Segundo personagem (A passo irregular de sério e declinado,
 avança pela esquerda recte à parede, de olhos no chão, sem que o
 primeiro personagem em atitude de expectação displicente no limiar
 da alameda se aperceba da sua entrada.) - Olhos no chão...! (Al-
 cançando a porta alpendrada, com ainda o toque de trombetas, aban-
 dona-se no patim.) - Também morreu! (Odorrrr, rápido. ~~XXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXX~~ Acentuação do crescendo do rumor dos tambores e caixas
 com sucessão de toque de trombetas influencia a expectação do pri-
 meiro personagem em espécie de vaga congeminção polarizada em su-
 cessivo no contraste do aparato ~~XXXXXX~~ do cortejo fúnebre do ex-
 terior e da condição desprezível do cadáver de gato.)

Primeiro personagem (Interrompe o toque de trombetas e acen-
 tuado o rumor de tambores e caixas até ao nível de intensidade,
 conveniente, indutiva da maior aproximação do cortejo fúnebre do
 altito da cena, decrece após algum tempo de estabilidade, como se
 o cortejo antes em convergência oblíqua à alameda divergisse dela
 em sentido perpendicular, dá costas à alameda, ~~XXX~~ sem reparar no
 Segundo personagem aproxima-se grave e lento do cadáver de gato e,
 com expressão sintomática de nojo, conserva-se ante o cadáver de
 gato, ora mirando-o, ora reflexivo, ora abstracto. Influído pela

renovação do toque, com tendência assurdizada, das trombetas, harmónico do tom declinante dos tambores, reclinando-se para o cadáver de gato em espécie de homenagem. Súbito, apanha-se surpreendido por ressonância de respiração constrangida; relanceia à recta-guarda e deparando-se-lhe o segundo personagem alambalhado em solenidade sobre o patin, fita-o entre admirado e lastimoso. Através de certo tempo de perplicidade acerca de curioso do segundo personagem e, certificado de suspeita de enfiar-se, afasta-se, sem deixar de mirá-lo, em tanto doer. (Insignificante.) - Um homem... (Detendo-se em sítio, à esquerda, mais próximo do segundo personagem do que do cadáver de gato, de modo a constituir vértice de um ângulo de que o segundo personagem e o cadáver de gato representam as extremidades dos lados, estabelece conexão de paralelo entre o segundo personagem e o cadáver de gato, depois de instante de circunspecção, explícito em olhares alternados de observação ao segundo personagem e ao cadáver de gato.) - Um homem...? Será um homem...? Lançado! Barragem de gente!... (Renovação de observação alternada do segundo personagem e do cadáver de gato, com de novo menos contencioso. Recolimento inactivo de circunspecção reflexão.) - E eu... que serei?... (Inquieto.) - Quem sou eu? É que sou eu?... (Causa de perturbação.) - Homem ou gato? (Causa de vemente reflexo de consciencialização da própria ilação. Sussurro de estalar de foguetório e de manifestação pública de regozijo. ~~manifestação~~ A citação reveladora de atordoamento mental do primeiro personagem com sentido antigo de lástima e revolta.) - Homem... ou gato?... (Ayrice incapacidade de opção e dificuldade em suportar ver os motivos do seu constrangimento levando as mãos às frentes de modo a mendar os olhos.) - Homem ou gato?... (Atentando, depois, como que inadvertidamente no segundo personagem, em simultaneidade de ressoar do tiro de canhão como a manifestação pública, evade-se pela esquerda.) - Homem ou gato? - Homem ou gato?... Homem ou gato?... (Desaparecido o primeiro personagem, continuará a ouvir-se esta expressão e de vez em quando distintamente as vozes julgadas convenientes ao realce do enaspero excessivo do personagem em simultaneidade do sussurro de manifestação pública e terior de regozijo e de tiros de canhão de grade.)

Segundo personagem (Prestes a dissipar-se a expressão de desespero do primeiro personagem e tendo entretanto reasado tres ou quatro tiros de salva de braxe, revela indícios de acordar. Despertar mais ou menos aziago de aturdição de bebodeira e de incômodo, tanto como por ressentimento de infelicidade. Aporcebendo-se do sussurro da manifestação pública e capacitado ao significado dela em especial pelo ressoar compassado dos tiros de canhão, acorue o tronco em ~~mantendo~~ atitude presuntiva de desforço.) -

- Lei morto... rei posto! (Linha expressiva de riso de incoerência e de objectividade.) - Filhos da mãe! (Lassos incertos e detem-se.) - Tudo taem...! (Linha.) - Mas também ~~está~~ morreu... Graças a Deus! (Após manifestações vagas de fatuidade, repara no cadáver de gato. Dissipada certa surpresa, aproxima-se curioso do bicho; acocora-se junto dele em atitude expressiva de lástima e pega-lhe.) - Um gato!... (Linha-se com o cadáver de gato pendente de uma das mãos.) - Foi um gato! E não morreu aqui, é de certa. Não vieste aqui morrer, pois não...!? Com certeza, não! (Descobrimo-lhe ferimento.) - atarax-te, está visto! (Linha pr em provável ~~diminuição~~ direção da proveniência do cadáver de gato.) -

- atarax-te e atirarax-te ~~quase~~ à rua como quem coge beata de janela...! Coitadito! (Circunspecto.) - Quem sabe se de não esperava sorte igual...! ~~qual~~ Qual sorte qual carapuca!... Azar! Azar de vida... ou de morte, que não sei, claro, que espécie de vida tiveste...! De qualquer modo... o fim foi triste! (Propõe-se poisar o cadáver de gato no chão.) - Não!... Enterrar-te-ei! (Leido entretanto de ouvir-se o rumor de manifestação pública de regozijo, persiste o ressoar de tiros de canhão.)

Terceiro personagem (Surge da direita um tanto apressado, donaire de presumido, sem ligar importância ao segundo personagem, embora o veja, de costas para a alameda cu face à plateia com o cadáver de gato nas mãos. Surpreendido pelos passos do terceiro personagem, sem o ver aliás, resguarda impulsivo o cadáver de gato, ~~amando~~ ~~representando~~ ~~através~~ pelo movimento suscitado do segundo personagem, o terceiro personagem em transitio mais próximo do fundo do que do segundo personagem, supondo-se situado este a meio da cena junto da ribalta, detem-se. Automaticamente o de-

com o encontro das certezas de casa e acionado ao ouvir-se a expressão "la - drão", ilumina-se a sala em simultaneidade do correr do pano de boca do palco como se a representação tivesse terminado.

Primeiro manifestante (personagem da peça dissimulando de correctador, ao declinar dos aplausos.) - as que paródia é esta...!? Protesto, meus senhores! Protesto em nome dos homens! Um homem é homem e um gato é gato! Que paralelo poderá então estabelecer-se entre um gato morto e um cadáver humano... se um homem vivo, a vida de um homem não admite comparação com a de gato...!? Ora o gato!...

manifestante - Que grande gato!

Primeiro manifestante - ... Protesto. Pro - tes - to!

Segundo manifestante (Representável ou não por outro personagem da peça.) - Perdão! Sem dúvida, um homem é um homem e um gato é um gato... mas o caso do gato em questão, suscitando aliás de implicações de diversa ordem, não se me afigura de interpretação assim tão simples, tão... elementar. De facto nós, i.e. nós, vivemos de normas ou regemo-nos por princípios fundamentais na aparência dos seres e das coisas, em suma de conceitos, subordinando tudo e todos à pretensão de realidade dela, transmissível por conveniências de representação particular ou colectiva. Por isso me não aflora relutância em admitir-se correlação de identidade e de representação entre homem e gato, entre a espécie dos seres humanos e as outras espécies de animais e pelo razoável o paralelo de identidade de espírito e alma de homem e espírito e alma de gato, a ~~analogia~~ exemplo de qualquer animal, assim como estimável a divulgação do seu reconhecimento ao menos pelo que isso possa induzir-nos a tornarmo-nos mais solidários, ~~mas~~ mais humanos uns com os outros, por reflexo de capacitação nossa ou dos homens de afinidade da razão de ser e do modo de ser dos homens com a razão de ser e o modo de ser dos animais. (Aplausos.)

Primeiro Manifestante - L.B... mesmo sentido não deixo de lhe dar razão. Com efeito um homem mau, de carácter opressivo, que venha a reconhecer um acto digno de estima, não deixará de propender a dispensar maior respeito e consideração aos homens...

Segundo Manifestante - Mas se é já muito importante, sabe...? visto o espírito de intolerância e opressão ainda prevalente no nosso meio: não ser gerse aviltante da dignidade humana, mínimo e mais aviltante da dignidade humana.

Manifestante - Verdade, sim senhor! (Aplausos e aplausos. No caso de prossecução do diálogo espontâneo estimulado pelo interesse da maioria dos espectadores, revelável pela simples permanência deles na sala, deixá-lo desenvolver-se em espécie de colóquio sem orientador.)

Fin